

Livros usados

— *Igor de Mattia Buogo*

BIOGRAFIA DO AUTOR

É acadêmico do curso de História – Licenciatura, na Universidade do Extremo Sul Catarinense.

RESUMO DO TEXTO

Aquilo que está às margens no conteúdo de um livro usado e riscado evidencia algo maior. Nossas percepções do Tempo, de suas mudanças e continuidades, podem ser induzidas através dos indícios deixados nos livros usados por leitores do passado, antigos manuseadores dos artefatos que veiculamos em mãos, no presente.

Em muitos casos, livros de segunda mão possuem inscrições, assinaturas, trechos sublinhados, mapas conceituais desenhados. Leitores são autores na medida em que inspiram significados novos ao material literário. Por sua vez, as rasuras e escritos nas páginas, que tanto nos incomodam e continuarão a fazê-lo, são resquícios de trajetórias passadas; são testemunhas da experiência temporal e das diferentes recepções às quais o mundo do texto penetrou no mundo dos leitores.

A presença de desenhos e esquemas a lápis, as anotações e informações sublinhadas, as setas que apontam as relações entre autores e ideias realizadas em grosseiros ou sofisticados mapas conceituais nas margens das páginas, típicos de livros de cunho teórico, são alguns elementos que indiciam a existência de um passado de usos e interpretações às obras usadas. Indicam a presença de um ou mais sujeitos dotados de intenções e expectativas, que manusearam o material literário para fins que podem ser, no presente, mais ou menos legíveis, nos colocando na trajetória de alguém que passou por ali antes, tal qual o arqueólogo vislumbrando resquícios de uma extinta civilização. O passar das décadas e a peculiaridade do acaso transportam a obra para outros contextos e lugares – mesmo outros continentes –, e a experiência da trajetória e das intenções dadas ao livro, caso o mesmo não se desgaste em sua materialidade, restam nestes resquícios rasurados, anotados e sublinhados.

Passado, presente e futuro se entrelaçam através de artefatos, e os livros usados são testemunhas da passagem do tempo em dimensões humanas – sobretudo, artifícios de expectativas para com o futuro, na medida em que as intenções dos leitores foram implicitamente destacadas em trechos que consideraram importantes, em parágrafos que necessitaram contextualizar, em frases marcantes ou academicamente significativas que foram sublinhadas, ou mesmo em pequenos textos de caráter memorialista feitos a lápis ou caneta nas primeiras páginas, lembrando as situações originais em que a obra foi primeiramente descoberta, presenteada ou lida pelo primeiro possessor, bem como suas impressões subjetivas da mesma e das pessoas envolvidas no ato.

Não raro é possível perceber dedicatórias e lembranças existentes nas folhas de rosto, feitas para serem lidas no futuro. “*Ganhei este livro de...*”. Vez ou outra, uma afirmação da posse, em letra impecável: “*Este livro pertence a...*”, seguida de uma data, que pode transportar à década de 70 ou ao último decênio. Referências à cidade em que ocorreu o contato do primeiro leitor com o livro são comuns. Um de meus exemplares de Joseph Campbell foi, há mais de dez anos atrás (conforme a data escrita), um “*presente de Plínio*”, como consta em caneta azul, na primeira página. Quem foram estes indivíduos – Plínio e o presenteado, cuja assinatura me é ilegível –, que no passado significaram o livro como um presente? É provável que não saberei. Livros acadêmicos usados, de poesia ou de ficção, anotados e rasurados, oferecem de fato uma leitura paralela.

Quando os olhos perpassam cada frase sublinhada, cada anotação, esta leitura de livros usados nos condimenta um caminho para apreender a recepção destes artefatos, conforme ocorreu no passado. Muitas vezes, certo ponto de interrogação invasivo, ali escrito à beira de um parágrafo há um par de anos num denso volume acadêmico, também pode expressar dúvidas nossas. “O que o autor quis dizer aqui?”, eles modestamente perguntam. Num antigo exemplar pessoal concernente à história das religiões, consigo delinear uma moça (pois a assinatura é feminina) que possuiu uma particular curiosidade sobre o misticismo judaico, quando as evidências apontam um número elevado de passagens sublinhadas referentes a este assunto. Noutra obra, um leitor – anônimo e lembrado por seus indícios somente – esteve mais interessado no medo do mar durante a Idade Média. Alguns outros, desejosos de uma compreensão introdutória, só agiram com lápis ou marcadores nos primeiros parágrafos da obra, segundo posso testemunhar num grosso tomo de conteúdo teórico, na estante que me é familiar. Foram trajetórias cujos resultados nos escapam – estas leituras terminaram em teses? Pesquisas? Satisfação de interesses pessoais? –, mas evidenciam uma experiência da passagem do tempo e da ação dos indivíduos no mesmo.

Certos livros usados, no entanto, estão ausentes de anotações mais esclarecidas ou trechos grifados, limitando-se a indicar, a lápis, a numeração e o gênero na folha de rosto. Estes indicativos apontam uma quantidade indeterminada de tempo nas prateleiras de um sebo literário. Se, antes disso, foram

assiduamente usados, somente infelizes sulcos e dobras nas superfícies, nas laterais, nos rasgos ou amassados que ladeiam páginas, capas e contracapas poderão dizer.

Caso opta-se por realizar novos apontamentos e sublinhar outros trechos ao longo das páginas de um exemplar já riscado, lido numa temporalidade passada, criam-se novas leituras paralelas sobre o artefato, pois novas significações são dadas às ideias expressas no papel. O livro, na verdade, metamorfoseia-se num objeto que envolve o passado e o presente num só elemento, e em comum está o fato de que ambas as experiências – a leitura no passado e presente do mesmo volume e as anotações marginais decorrentes – convergem para as expectativas de um futuro, distante ou próximo, que já passou, ou que está sendo aguardado na consciência do leitor atual; futuro dependente dos usos e ambições dos variados leitores no tempo, de seus motivos e esperanças frente à obra em mãos.

Certamente, os livros de não-ficção representam apenas uma fração de exemplares usados que testemunham trajetórias e aspirações do passado/presente. Em meu antigo exemplar de *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano, um leitor sublinhou frases do texto de acepções poéticas universais: “As minhas paixões não podiam morrer, porque eram imensas e o que é imenso é eterno”. Ou então “Realidade ou desejo incerto, o amor é o elemento primitivo da atividade interior; é a causa, o fim e o resumo de todos os afetos humanos”. “Que fora a vida se nela não houvera lágrimas”, também foi destacado. Estivesse o leitor interessado na estética da linguagem poética ou na narrativa de Eurico, não é certo, porém, as anotações e grifos aludem a uma “história perdida”, um sentido que se perdeu com o tempo, mas que pode ser reconstruído ao ser redescoberto e reinterpretado por meio destes testemunhos marginais, num outro local do espaço e do tempo, às nossas estantes e bibliotecas.

